

## O discurso amoroso em *Do desejo*, de Hilda Hilst

Maria do Rosário Alves Pereira<sup>1</sup>

Em 1930 nascia Hilda Hilst, escritora brasileira polêmica, amada e venerada por muitos leitores, e ao mesmo tempo ferozmente criticada por outros devido à utilização de temas e recursos nada convencionais. Em grande parte, sua obra também sofreu os reflexos de sua vida desenfreada e cercada por alguns acontecimentos pitorescos e/ou escandalosos, como por exemplo seu namoro com o ator americano Dean Martin e a tentativa de assédio, certa vez, a Marlon Brando, fazendo-se passar por jornalista. Tendo iniciado sua carreira literária em 1950, com *Presságio*, é na década de 1990 que Hilda dá adeus à “literatura séria”, com a publicação de *O caderno rosa de Lori Lamby*, considerado até mesmo imoral pela crítica e pelos leitores. Publicada em 1992, a antologia poética *Do desejo*, no entanto, é marcado por um forte lirismo e trabalho com a linguagem poética, como veremos a seguir.

É possível delimitar uma tríplice voz na poesia de Hilda Hilst: a do ser humano, a da poeta e a da mulher. Esta última parece ter uma significativa importância no estudo do discurso amoroso em *Do desejo*, pois a obra assume uma dimensão que ora tende fortemente ao erotismo (um erotismo feminino, concebido de modo distinto daquele tradicionalmente estabelecido por um discurso patriarcal/secular), ora almeja ao ideal de sublime.

Apesar de alguns textos da autora serem considerados pela crítica como pornográficos, essa não é a melhor definição para a poesia de cunho amoroso desenvolvida em *Do desejo*; a conceituação mais adequada parece ser “poesia erótica”, pois a pornografia seria a descrição pura e simples dos prazeres carniais, ao passo que o erotismo é essa mesma descrição revalorizada em função de uma idéia do amor ou da vida social, ou seja, seria *tudo aquilo que torna a carne desejável*, num jogo que deleita, que causa prazer aos sentidos. Esse *despertar* do desejo parece ser a tônica na obra em questão.

Partindo desse ponto, há que se rever em primeiro lugar algumas idéias acerca do assunto. Em um contexto histórico no qual as identidades não são mais essências

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais.

predefinidas, sendo, ao contrário, construtos sociais, políticos, culturais, a própria concepção de gênero enquanto instância acabada passa por uma série de reformulações: a identidade feminina, nesse sentido, também passa a ser desconstruída/reconstruída sob a égide de novos valores.

Nesse cenário é que se insere a poesia de Hilda Hilst. Uma de suas veias poéticas, na definição de Nelly Novaes Coelho, “é de natureza física (psíquico-erótica), centrada na Mulher” como ser desejante que “busca em si a verdadeira imagem feminina e seu possível novo lugar no mundo”. (Coelho, 1999:67) E complementa: é pelo erotismo que “se expressa o problema da mulher em nossos tempos de mutação: ela se redescobrendo como algo essencial, por ser *princípio, expansão e duração* do homem no tempo”. (Coelho, 1999:73) Ou seja, a Mulher se torna extensa e multiforme na medida em que se impõe e impõe seu próprio desejo. Na poesia de HH, há um eu poético que se quer desejante, ou seja, tem voz própria ao enunciar seu desejo. Ao realizar esse ato enunciativo, a mulher assume sua condição, assumindo ao mesmo tempo seus direitos sobre seu corpo e sua sexualidade. É nessa medida que se pode dizer que o erotismo se inscreve como uma faceta política em sua poesia, pois representar o corpo em um discurso significa desencadear relações de poder entre sujeitos, bem como questioná-las e negociá-las.

Já na epígrafe do livro *Do desejo* há indícios de como a temática amorosa será abordada: “Quem és? Perguntei ao desejo/Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada.” (Hilst, 2004:15) Ou seja: o desejo é um sentimento ardoroso, que “queima” e pulsa tal como lava incandescente; depois, como pó, se esvai; sua marca é a efemeridade. Além de efêmero, livre, a percorrer um “sinuoso caminho”: “um desejo/ Sem dono, um adorar-te vívido mas livre.” (Hilst, 2004:18)

Hilda Hilst, em sua poesia, tenta resgatar primeiramente o desejo que se dá no *eu*, concebido como ser particularizado, para depois inseri-lo na relação Eu-Outro, concebendo-o em uma relação com a alteridade. No poema VIII (Hilst, 2004:24), torna-se claro para o leitor o *que* significa o desejo nessa obra da autora: “DESEJO é uma palavra com a vivez do sangue/E outra com a ferocidade de Um só Amante./DESEJO é Outro. Voragem que me habita.” Assim, o desejo expõe sua dupla face ao leitor: se, por um lado, habita aquele que o sente e o vivencia em toda sua potencialidade, consumindo-o,

devorando-o, por outro constrói-se em uma relação fortemente marcada por essa alteridade, ao projetar-se em um Outro que contribui para sua completude. Portanto, a dimensão carnal sobrepõe-se à dimensão ideal. A mulher sai da posição de objeto e passa à posição de sujeito, detentora de seu próprio discurso, como aquela que enuncia o desejo, dela e do outro, “construindo discursivamente uma representação sobre o erotismo a partir de um específico lugar de fala” (Borges, 2005:1310).

Por outro lado, o desejo pode ser imaterial: ao fazer poesia, ao simplesmente pensar no Outro ele já se expressa, como observado no poema X (Hilst, 2004:26): “Para pensar o Outro, eu deliro ou versejo./Pensá-LO é gozo. Então não sabes? INCORPÓREO É O DESEJO.”

A linguagem assume, sob essa ótica, uma dimensão fundamental na obra hilstiana. A sedução que seus textos poéticos conferem ao leitor parece advir justamente desse contato com a palavra: é no uso de seus múltiplos matizes que a poesia de Hilst ganha “alta voltagem lírica”, pelo fato de operar uma desconstrução radical no texto literário, quase visceral. Nas palavras de Michel Riudel (CLB, 1999:136): “Em Hilda Hilst [a linguagem] se constitui no e pelo desejo [...]”. Não tanto pela temática, pois as relações amor-erotismo-transcendência já haviam sido “cantadas” por diversos autores em contextos literários os mais diversos, mas pelo vocabulário que, aqui, é ressignificado.

Pode-se dizer que uma espécie de perturbação é estabelecida no texto poético quando da abertura do campo semântico: o desejo se concentra em maior parte no rosto, diferentemente do erotismo tradicionalmente concebido, muitas vezes expresso/concentrado na região genital propriamente dita. Na poesia de HH, o desejo é expresso pela boca, pelos olhos, pelo tato, órgãos do sentido que redimensionam o sentimento erótico: “colada à tua boca (...)/O meu vasto querer.” (Hilst, 2004:19) É a tensão do desejo que se instala na busca pela posse do ente que se deseja; almejar, desejar apresentam uma correlação direta com o sentimento de fome; o desejo é inesgotável e “descomedido”, pois não segue padrões; aquele que deseja filia-se a uma atitude de descompostura. Os adjetivos e os verbos compõem o clima de tensão/tesão crescente no poema, em uma gradação: o eu poético feminino encontra-se inicialmente descomedido, depois sôfrego, em uma associação com o próprio ato sexual em si, que se realiza na tensão

vida/morte, Eros/Tanatos: “Como se fosses morrer colado à minha boca./Como se fosse nascer/E tu fosses o dia magnânimo/Eu te sorvo extremada à luz do amanhecer.” (Hilst, 2004:19) O desejo chega a seu ápice: vem o *dia magnânimo* (a manhã que chega/ o orgasmo que se apodera do corpo feminino), e a mulher, concretizado seu desejo, renasce, numa explosão que toma conta dos corpos à luz do amanhecer. Há uma exploração dos dois “corpos da língua”, o plano físico do desejo e seu plano imaterial: isso é percebido pela metáfora da “boca” que perpassa grande parte dos poemas de *Do desejo*: é o órgão pelo qual sai e entra qualquer tipo de matéria, ou seja, concentra a vida e a morte, por isso assume uma dimensão tanto ideal/sublime quanto abjeta. Serve para blasfemar, abocanhar, sugar, louvar, verbos estes que denotam como é fomentado o desejo erótico em sua obra.

Uma nova linguagem erótica, então, é instaurada: mais sutil, mas ao mesmo tempo ainda mais sensual; o discurso amoroso, em Hilda, opera em uma linguagem que lhe é específica, pois é *indizível*. Percebe-se então que em alguns momentos a poesia de Hilst opera uma transgressão de duplo caráter: transgride tanto em termos literários/lingüísticos quanto em termos de valores, ao questionar, de certo modo, valores morais/burgueses, rompendo com as amarras que impedem que o eu poético se realize enquanto ser desejante. O desejo antes recalcado cede lugar a um desejo explícito e consciente por parte daquele que o sente.

Outra faceta da poesia apresentada em *Do desejo* vislumbra-se no confronto entre certas aspirações metafísicas e a realidade material tangível e perecível. Deus é nomeado/interrogado em suas diversas facetas, por vezes contraditórias. Na relação estabelecida com o sagrado, a poeta procura encontrá-lo em seus avessos; em busca de novas respostas para as relações Homem-Deus, o discurso adquire uma dimensão amorosa na medida em que este último – Mistério – é, por exemplo, atraído e desejado como um abismo: o sagrado causa temor, mas ao mesmo tempo atrai: “Mas atravesso abismos e um vazio de avessos/Para tocar a luz do teu começo.” (Hilst, 2004: 119) Daí se constitui uma dupla problemática na poesia de Hilda: a busca do *eu* e do *sagrado* deixa transparecer a diluição das fronteiras entre erotismo e misticismo. Deus e homem constituem-se como faces diferentes de um mesmo fenômeno: uma espécie de energia que nos impele para a ação, uma “perturbação essencial”, utilizando a expressão de Nelly Novaes Coelho, em

texto já citado. No desejo que se constitui com o “ser sem nome”, há, novamente, uma relação de alteridade: partindo do corpo e passando por um ideal metafísico, o ser se constitui parte da totalidade na relação Eu-Outro, seja esse Outro um ente metafísico, seja ele carnal, fazendo-se quase parte dele, em uma ânsia de fundir-se com esse Outro. Nas palavras de Eliane Robert Moraes:

“Ao confrontar sua metafísica do puro e do imaterial com o reino do perecível e do contingente que constitui a vida de todos nós, a escritora excede a sua própria medida, o que resulta numa notável ampliação da idéia de transcendência – daí para a frente submetida aos imperativos da matéria.” (1999:117)

Portanto, torna-se claro que o discurso amoroso em *Do desejo*, de Hilda Hilst, se desenvolve em duas veias poéticas – a da realização de uma nova idéia de erotismo e a busca por um ideal sublime –, porém ambas constroem-se utilizando os mesmos recursos, como a ressemantização do vocabulário, por exemplo, e com vistas ao mesmo propósito: fusão do eu poético com o Outro, em uma relação perturbadora.